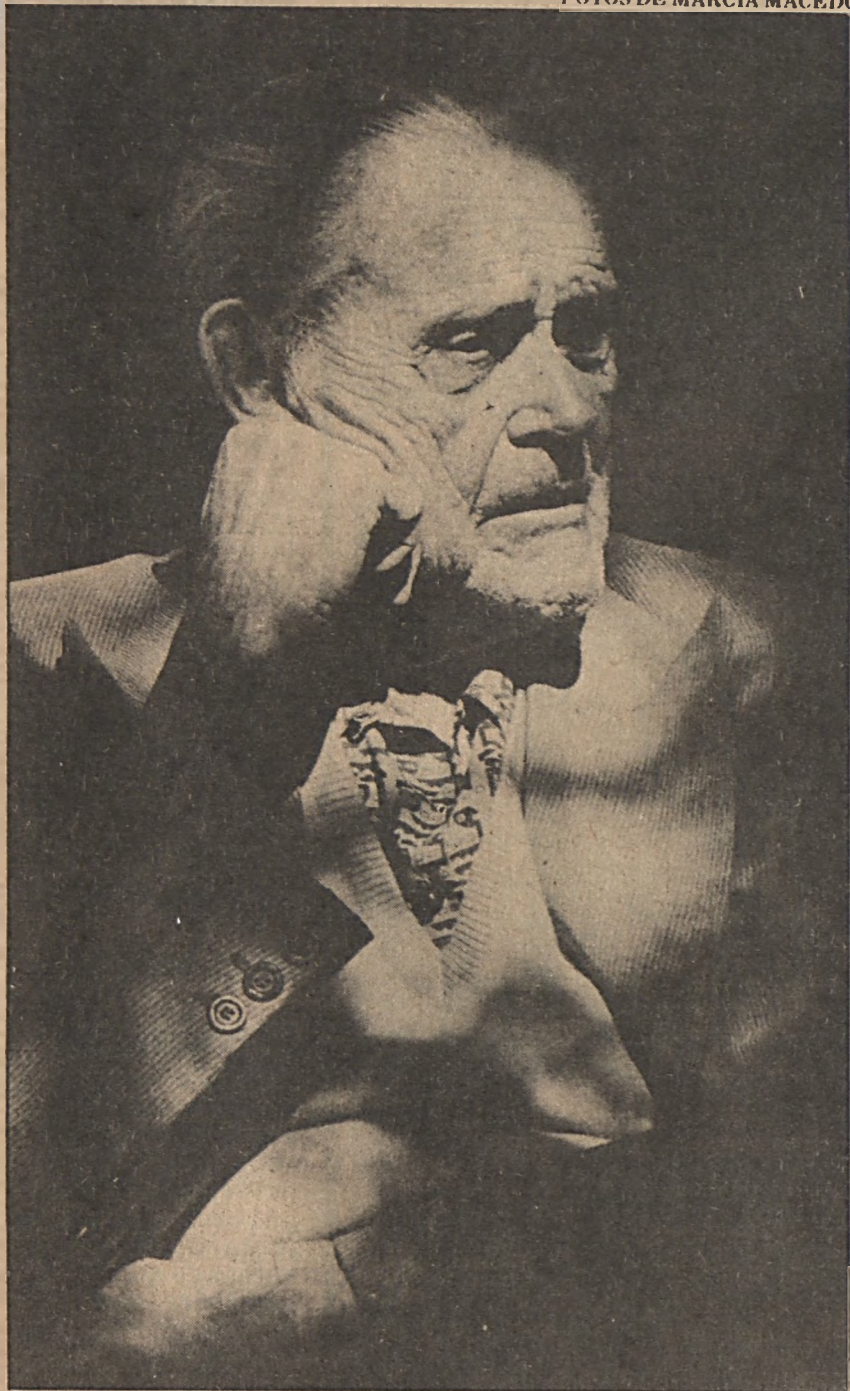


OS PIONEIROS

FOTOS DE MARCIA MACEDO



CORREIO BRAZILIENSE, com exclusividade, publicará a partir de hoje todas as entrevistas realizadas pelo programa de televisão, Os Pioneiros, que a TV Nacional está colocando no ar todas as quartas-feiras, no horário das 21:15h. O programa é uma produção Cabeças, uma equipe independente de criação e realização, composta por Marcantonio Guimarães (pesquisa), Alexandre Quaresma (imagens), Clibas Araujo (assist. de câmera e transporte), Márcia Macedo (fotos de cena), Liana Fraifeld (produção), Wagner Hermuche

(programação visual) e tem direção geral de Tânia Quaresma. Apoio da Fundação Nacional Pró-Memória, TCB e Fundação Cultural do DF. Uma série de 20 capítulos contando a história da construção de Brasília desde as primeiras missões exploratórias que aqui estiveram, até o depoimento de seus principais personagens. Os Pioneiros terá seu segundo capítulo exibido hoje pela TV Nacional. No programa que abriu a série foram entrevistados o jornalista e historiador Gelmires Reis, falecido mês passado em Luziânia, aos 90 anos

de idade, depois de uma vida dedicada ao processo de interiorização da capital; o ex-fazendeiro Jorge Pelles, proprietário de grandes extensões de terra onde hoje se localiza o Plano Piloto, D. Guiomar Arruda Câmara, viúva do engenheiro Arruda Câmara, que participou da Comissão Polli Coelho que aqui esteve em 1947 para delinear a área de construção da nova capital, e o médico Ozannah Campos Guimarães também proprietário de terras em Brasília e que recepcionou aquela Comissão. Eis seus depoimentos, na íntegra:



O pioneiro Gelmires Reis

D. Guiomar Arruda Câmara

A epopéia de Brasília contada em 20 capítulos

GELMIREIS REIS

Tânia Quaresma — Prof. Gelmires Reis, não sei nem por onde começar. São noventa anos de história. O Senhor gostaria de começar pela interiorização da Capital?

Gelmires Reis — Pelo meu nascimento. Eu nasci em 14 de julho de 1893, quando a Comissão Cruís estava aqui no Planalto fazendo estudos geológicos, hidrologicos, tudo o que a natureza dava aqui, para apresentar um relatório ao Presidente da República.

Tânia — Era quem na época?

Gelmires Reis — Florianópolis, quando nada, foi o impulsionador da vinda dessa Comissão para cá. Parece que foi ele quem nomeou a Comissão. Eu cresci aqui ouvindo a cantiga da mudança da Capital para o Planalto. Ora, entrei para a escola aos dez anos ouvindo a mesma coisa, porque o povo daqui negociou muito com a Comissão, levando mantimentos, vendendo por bom preço, mantendo um contato muito direto com ela enquanto esteve por aqui.

Dizem que quando eles saíram deixaram uma caixa de vinho enterrada mais ou menos na cabeceira do Gama. Parece que o acampamento era lá. Fui crescendo. Em 1910, já com 17 anos, foi fundado o jornal "O Planalto", aqui em Luziânia, por Plácido de Paiva e Evangelino Meireles, no dia 6 de agosto de 1910. Então fui ser tipógrafo. A tipografia daquele tempo era difícil: era preciso pegar tipo por tipo, formando paqueto, o pacote formando página para ser impressa. Bom, esse jornal viveu seis anos, porque a imprensa não vive no interior. Há sempre uma dificuldade para se vencer. Primeiramente fui ser professor escolar do primeiro ano masculino. Estive seis meses no colégio do Antônio Euzébio, em Bonfim, aprendendo o que ele ensinava. Ele tinha uma paixão exagerada pelo tupi e eu fiquei maniciado também. Gosto muito do tupi.

No meu tempo de Intendente aqui seguiu mais ou menos o que Planaltina estava fazendo: dando lotes gratuitos para o povo brasileiro que se interessava pela mudança da Capital. Aqui também se fez a mesma coisa, instituindo Planaltópolis. Planaltópolis era mais ou menos onde hoje é Brasília, às margens do Paranoá ou do São Bertolomeu.

Tânia — Como é que era recebida a idéia da interiorização da Capital aqui em Luziânia, e o que o Senhor fez a favor disso?

Gelmires Reis — Eu fiz o que pude. Também escrevi, sempre mostrando as conveniências. Fui o Intendente que fez Planaltópolis, que era, justamente, dar lotes para atrair o povo brasileiro para cá.

Tânia — O que era realmente Planaltópolis e como era essa organização? O Senhor tinha o direito de dar essas terras?

Gelmires Reis — Tinha direito, sim, porque o dono da terra fez a doação para esse fim. Ele se chamava Delfino Machado de Araújo. Fez essa doação e o Conselho Municipal aprovou. Pude fazer esse trabalho porque tive a aprovação do Conselho. E, então, distribuí uma enorme quantidade de lotes. Tinha em São Paulo o Eurico Calubi, que era o representante de Santa Luzia (hoje Luziânia) para esse fim e ele deu lote para esse Brasil inteiro. Eu, como Intendente, assinava o título, fazendo a doação. Isso deu um trabalho enorme depois de Brasília, porque cada um vem reclamando seu título até hoje.

Tânia — O Senhor conhece alguém que possua um título desse?

Gelmires Reis — Não sei, porque eu só assinava os títulos de doação.

sem conhecer ninguém. Agora, ninguém daqui de Luziânia quis um título.

Tânia — E a Capital?

Gelmires Reis — A Capital afinal veio por uma bênção especial de Juscelino Kubitschek. Foi o único brasileiro que teve peito de enfrentar a mudança, sabe?

Tânia — Como é que o Senhor acompanhava a construção da cidade?

Gelmires Reis — Pelas notícias. Fui lá pela primeira vez entrando pela Cidade Livre, toda feita de tabua, de papelão, de tanta coisa. Tive aquela impressão dolorosa, pois era uma cidade pobre. Depois surgiu Brasília, com toda a imponência de seus monumentos, não é? Inclusive, tenho dois filhos morando lá, nos tais blocos, nas tais superquadras. A gente tem que subir de elevador, não é? Senão tem que ser por escada...

Tânia — O que o Senhor acha de tudo isso, o Senhor que é de quintal, de muito chão...

Gelmires Reis — Bom, o exemplo de quintal é o meu, cheio de árvores frutíferas. Mas o asfalto parece que esquentava muito com o sol. Então ele influencia muito no tempo do calor. Agora, aqui ainda temos quintais como este. Porque a cidade ainda tem lotes at e vagos. Mesmo aqui nessa rua tem um quintal onde poderia ser construído um mercado público. É um quintal deixado, que os proprietários não ligaram importância em legalizar.

Tânia — O que o Senhor acha de Brasília, esse monumento, conforme o Senhor disse...

Gelmires Reis — De admiração, de respeito, e de muito amor. Porque Brasília teve uma grande vantagem para nossa terra no setor da saúde. Aqui temos um bom hospital, com seis médicos especialistas em coração, pele, sangue. Mas todo caso grave eles mandam para Brasília.

Tânia — E o Senhor imaginava que a Capital seria o que é?

Gelmires Reis — No tempo de Florianópolis ele dizia que era só mudar o ministério da Fazenda que o resto vinha. No caso de Brasília, os ministérios vieram de uma vez. Isso consolidou a cidade.

IVANI CÂMARA NEIVA E GUIOMAR ARRUDA CÂMARA

Ivany — Sempre que a gente fala

e a distância grande da Capital em relação ao interior. Então, desde muito cedo, escutei vovô falando desse sonho de que um dia a Capital seria construída no Planalto Central. E vovô participou do trabalho e do sonho. Por que você veio junto de vovô?

D. Guiomar de Arruda Câmara — Porque sempre que ele viajava eu o acompanhava. Além do mais eu tinha vontade de conhecer esse local.

Ivany — Você não contou agora, mas foi grande auxiliar de vovô. Aquele trabalho de pesquisa todo, dos trabalhos de levantamento do que existia sobre o Quadrilátero Cruís... Como você fez isso, vovô?

D. Guiomar — Estudando na Biblioteca Nacional. Era muito fácil. Só que eles não entregavam o material no mesmo dia. A gente pedia e daí a três dias recebia tudo o que se pedia.

Ivany — E o que era esse tudo, vovô?

D. Guiomar — Mapas, escritos de viajantes que estiveram por aqui, documentos da Missão Cruís...

Ivany — Quando a Comissão Polli Coelho foi formada, o primeiro indício foi o Dr. Torres, que era Presidente da Associação Nacional de Agricultura.

D. Guiomar — Antônio era o primeiro vice-presidente. O Torres não podia viajar, ou não queria, e aí pediu a Antônio para vir no lugar dele. Antônio chegou uma tarde lá em casa e disse: Sabe, nós vamos para Goiás. Nós vamos procurar o local para a futura Capital. Foi bom... Ai viemos, então. Tomamos um avião da Panair. Naquele tempo existia a Panair, agora não existe mais. Viemos para Goiânia. Em Goiânia ele tinha muitos amigos. Antônio tinha amigos em todo lugar, de maneira que fomos muito bem recebidos em Goiânia.

Ivany — Naquele época não apareceu artigo com o nome dela. Mas todo o trabalho era conjunto. Como é que você via isso, vovô, numa época em que a mulher não saía ainda para trabalhar. E a formação que a Senhora teve em Santa Catarina, com um pai nordestino muito rigoroso em algumas coisas, muito inovador em outras, como alimentação natural, etc. Como foi essa vida de amor e trabalho?

D. Guiomar — Bom, Antônio sempre quis que eu o ajudasse no que era possível. Tudo o que acontecia ele me falava, me consultava algumas vezes.

Ivany — As outras mulheres, esposas de colegas de vovô, participavam da mesma forma ou você via que isso era um pouco diferente na época?

D. Guiomar — Era diferente, não é? Geralmente as mulheres não se metiam nesses assuntos.

Ivany — Você sempre foi muito encantada com o pôr-do-sol. De vez em quando fala pôr-do-sol de Florianópolis, onde nasceu. E o pôr-do-sol do Planalto Central naquela época?

D. Guiomar — Era maravilhoso, maravilhoso. Cores que a gente não encontra em outros céus. Como ainda agora. Daqui mesmo a gente olha e eu fico encantada...

Ivany — E as Águas Emendadas? Você conhecia essa história? Parecia uma coisa inventada, essa de existir no centro do país o encontro dessas três bacias. Mas você viu que existia. Como é que foi? Foram procurar isso especialmente?

D. Guiomar — Fomos procurar especialmente. Tinhamos ouvido e lido referências por pessoas que estive-

ram aqui e que falavam da proximidade das nascentes das três bacias.

Ivany — E daí?

D. Guiomar — Ai foi aquela emoção de ver de fato as três bacias começando, numa distância pequena uma da outra. Águas para todo o Brasil. Foi muito sublime, muito bonito mesmo.

Ivany — Já tinha o nome de Águas Emendadas?

D. Guiomar — Não. Quem deu o nome foi Antônio. Porque era de fato as águas emendadas, as três bacias ali se reunindo, numa distância muito pequena.

Ivany — A época em que vovô e vovó vieram em 1947, era uma época de muita entrada de gente, de trabalhadores rurais, buscando o que era proposto pela Colônia Agrícola Nacional de Goiás, atualmente o município de Ceres. Eles encontraram muitos nordestinos, principalmente, procurando a Colônia. Inclusive se chegou a pensar naquela região como alternativa para o local da futura Capital. Quem era o administrador daquela colônia era Bernardino Sayão, que depois veio para Brasília e que está definitivamente ligado à sua construção, à Belém-Brasília, à Novacap. Como foi o encontro de vocês com ele?

D. Guiomar — Ele nos procurou no hotel, levou-nos para almoçar em sua casa. No caminho o automóvel passou por um prego. Ele desceu, deu-me o prego de presente, dizendo que daria sorte. Não sei se deu...

JORGE PELLES

Tânia Quaresma — Sr. Jorge, onde o Senhor localiza suas terras hoje?

Jorge Pelles — O Plano Piloto todo. Todo o Plano Piloto está dentro de minhas terras. Sem mais pra cá nem mais pra lá. Só tem uma coisa: minhas terras só iam até a margem esquerda do Lago. Até ali era minha divisa.

Tânia — Como o Senhor se sentiu vendo uma cidade sendo construída em suas terras e o Senhor sem casa?

Jorge Pelles — Minha filha, o que você acha que eu deveria sentir? Assustado? Espantado? Eu vi nascer Goiânia. Um Estado pobre, sem o mínimo recurso. Eu assinalei a ata da construção de Goiânia.

Tânia — O Senhor acompanhou a construção de Brasília?

Jorge Pelles — Não sei daí. Eu morava em Goiânia e estava sempre aqui. Eu ficava sempre em Luziânia. Eu tinha um concunhado que era Juiz de Direito lá. Foi quem me fez comprar isto aqui.

Tânia — O que o Senhor achava daquelas construções? Aqueles prédios diferentes, estranhos...

Jorge Pelles — Aqui? Eu já tinha visto antes numa revista. Eu lielo muito, gosto muito de ler, gosto muito de revista. Achei que aquilo era um sonho, sabe?

Tânia — No seu ponto de vista, como está a distribuição de moradia, lotes, em Brasília?

Jorge Pelles — Acho que está bem, não é, pois a Terracap vende muito bem vendido, aquilo que não custou nada. Inclusive, no ato da desapropriação de minhas terras eles ficaram com 500 alqueires de mão beijada. Não me pagaram coisa nenhuma. Houve um "sine-qua" nesses 500 alqueires. Mas, praticamente, entreguei 4.300 alqueires.

Tânia — O Senhor agora não tem nenhum pedaço de terra...

Jorge Pelles — Não tenho nenhum terreno aqui. Tenho um apartamento e é só, onde minha netá vai morar. Essa casa não é minha, não. É de um genro meu. Moro aqui, como se diz, de favor. Ele gosta muito de mim, eu gosto muito dele.

Tânia — O Senhor está feliz com a

Cidade em suas terras?

Jorge Pelles — Estou muito feliz com a cidade. Eu não tenho nenhuma mágoa, não. Até gosto muito daqui. Acho interessante isso. Acho muito bonito. Gosto dessas avenidas, da arborização de Brasília. Gosto e tenho até ciúme dela. Da grama, então... Foi trazida de longe. A cidade é muito boa. Os habitantes é que não são lá muito condizentes com a cidade.

OZANNAH CAMPOS GUIMARÃES

Tânia Quaresma — Dr. Ozannah, quais são as ligações do Senhor com Brasília?

Dr. Ozannah — Brasília foi edificada em terras que pertenceram à

"Eu queria que a arquitetura de Brasília fosse diferente, não queria que se parecesse com nada construído antes. Eu queria que a estrutura e a arquitetura se sincronizassem, quer dizer, quando a estrutura acabasse, a gente sentisse que a arquitetura estava presente!"

(OSCAR NIEMEYER)

minha família, a meu pai. De modo que conheço o local onde hoje é o Plano Piloto desde meus 7 anos. Nasci na cidade que foi a cabeça de Brasília, que é Planaltina, no prédio, hoje, tombado pelo Governador Ornellas, onde funciona o Museu. Foi batizado na igreja, também tombada, que é a Igreja de São Sebastião de Planaltina, a Igreja Velha, e a pedra que se colocou em comemoração à mudança, em 1922, pelo Engº Balduino, foi edificada em terras de propriedade de meu pai, onde eu ia constantemente. Naquele tempo chamada Larga da Pindaíba, hoje Larga da Pedra.

Tânia — Desde quando o Senhor ouve falar na história da interiorização?

Dr. Ozannah — Desde que me entendo por menino de 7, 8, 10 anos, porque essa idéia vem desde 1891, quando já havia sido estabelecido o chamado quadrilátero para a mudança da Capital. Naquele época ele era muito maior, começava aqui perto de Fernandópolis e se estendia até junto de Anápolis. Toda essa região estava dentro do Quadrilátero. Desde criança venho ouvindo essa história, e gostei muito de ler assim: papai adquiriu a área para pôr o bô e acabou sendo escolhida para o local da futura Capital. Quando foi escolhido o local pela Comissão presidida pelo General Djalma Polli Coelho, essa Comissão, esteve hospedada na fazenda, na minha casa, com minha Senhora e meus filhos, por três vezes: uma vez ele esteve conosco por 18 dias, depois 7 dias e da última vez por 2 dias. Nós então desen-

volvemos um grande entrelaçamento de amizade. Era um homem muito culto, de grande valor, e aqui, nas noites de luar, debaixo do céu estrelado do Planalto, ele nos dava verdadeiras aulas de astronomia. Ele começava a descrever o Cruzeiro do Sul, Alfa, Beta, Gama, Delta, a Ursa, etc., e teve uma pessoa, muito simples, que ao ouvir essa descrição me disse: esse velho está é caduco. Onde já se viu falar que estrela tem nome?

Eu era Vice-Governador nessa ocasião e o Gerônimo Coimbra Bueno me disse: "Oíhe, estamos em escolha de locais. Nós devemos fazer toda a força possível para vir para Goiás."

Tânia — Senão, os mineiros... Dr. Ozannah — Tomam conta... E

ele continuou: "Aqui em Goiás tem vários sítios e você está na obrigação de puxar a brasa para a sua sardinha. Você vai pra lá, hospeda o General, procure um modo de segurar o General, senão ele chega de manhã, volta de tarde, porque lá não tem condições de hospedá-lo". Ai eu disse: "Então você manda construir um campo de aviação, manda colocar uma estação de rádio em minha casa que eu vou lá ficar com ele e coloco meu carro à sua disposição".

Tânia — O que mais impressionou ele?

Dr. Ozannah — Acho que foi a altitude, o clima e uma série de condições. Ele verificou que aqui havia material para construção, o planalto era riquíssimo em água, não é?

Tânia — E o céu?

Dr. Ozannah — E o céu também. Tudo ajudou. Deus e o céu nos ajudaram...

Tânia — Fale um pouco sobre Planaltópolis...

Dr. Ozannah — O então prefeito de Planaltina, Deodato do Amaral Louly, com o intuito de atrair o maior número de simpatizantes, de interessados na vinda da Capital para o Planalto, criou, dentro do município, na chamada Larga do Bananal, hoje Plano Piloto, um loteamento com a denominação de Planópolis. Um loteamento muito grande, com uma área total de cerca de 5.000 alqueires. Lotes foram vendidos no Brasil todo, no Amazonas ao Rio Grande do Sul. Um total de cerca de 60.000 lotes.

Tânia — E o sonho de Dom Bosco?

Dr. Ozannah — Muitos falam no sonho de D. Bosco. Eu dou a D. Bosco mais que um sonho. D. Bosco, muito inteligente, notou que todos os grandes países — grandes em extensão territorial — interiorizaram suas capitais. D. Bosco, então, viu que, um dia, o Brasil seguiria o exemplo dos outros, interiorizando sua capital, num movimento até de defesa, mesmo porque já havia o exemplo dos holandeses no norte e nordeste, os franceses no Rio de Janeiro, etc. Então, ele notou, ele concluiu que esse era o caminho do Brasil. Sendo o Brasil um país na sua quase totalidade dentro do clima tropical, e como não há nenhuma grande civilização propriamente em clima tropical — a área mais desenvolvida na América do Sul é de São Paulo, ao sul, até a Argentina, na medida em que nós vamos afastando vai enfraquecendo o problema da civilização, porque o clima é uma das coisas que mais condicionam a fixação do homem à terra. Então, por esse motivo, é que também nossos antepassados deixaram Niquelândia, Cavalcanti, porque era região de baixa altitude, onde não tinha altitude para corrigir a latitude, onde não tinha altitude para corrigir o calor.

Dom Bosco também notou que todas as grandes nascentes, as nascentes das três grandes bacias hidrográficas do Brasil estavam localizadas no Planalto Central. E como a água só corre de cima para baixo, ali estaria o lugar mais alto. Assim, sem topógrafo, sem medir nada, ele concluiu: lá é o lugar mais alto. O país é tropical. O lugar interiorizar sua capital. Ali é a região que possui todas as condições. Assim, eu dou para Dom Bosco mais que o meu sonho: eu dou é uma visão baseada nesses conhecimentos que ele tinha de geografia, história, etc. Todos falam no sonho de Dom Bosco. Mas eu dou para Dom Bosco mais que um sonho: uma inteligência privilegiada, que viu isto que eu acabo de expor. Então, escolheu-se o Planalto e aqui está Brasília, para orgulho de nós todos e praizer de todo mundo não é?

"Você lendo o Plano Piloto você vai sentir que a cidade foi concebida para o homem, para o morador comum, para dar a ele uma vivência agradável, satisfatória" (LUCIO COSTA)